

Miguel Portas e João Semedo visitam Centro de Saúde de Vouzela

12-Mai-2009

Em visita ao Centro de Saúde de Vouzela, Miguel Portas criticou as nomeações por "critérios partidários" e lamentou que a investigação científica na Europa na área da saúde se tenha transformado num negócio. "É preciso inverter. A investigação deve servir as necessidades humanas e não os lucros das multinacionais", defendeu o cabeça de lista do Bloco às eleições Europeias.

"Vale a pena explicar este paradoxo enorme", sublinhou o eurodeputado bloquista, questionando "como é que foi tão rápida a resposta, através da coordenação entre a Comissão Europeia e a segunda e a quarta multinacional do Mundo, para acelerar os processos de investigação para a vacina da Gripe A".

Segundo Miguel Portas, o Bloco tem "uma preocupação muito grande", a de conseguir ter na Europa "uma política de investigação na saúde que resolva uma enorme contradição": a de "90 por cento da investigação científica hoje virada para a saúde se dirigir apenas a 10 por cento das doenças", afirmou em declarações à agência Lusa.

Miguel Portas lembrou que "ainda hoje pandemias como a malária ou o dengue não têm as soluções e, no entanto, matam muitíssimo mais". "São é pandemias do Sul do planeta e não pandemias do Norte do planeta, onde o poder de compra e o negócio são de facto das determinantes dos cuidados de saúde", lamentou o eurodeputado do Bloco.

Miguel Portas e João Semedo criticaram também "os problemas do poder absoluto" dos agrupamentos no distrito de Viseu. "Estamos perante três nomeações para os três agrupamentos de candidatos e dirigentes do PS do distrito", um sinal da "arrogância do poder". Miguel Portas lembrou as palavras da candidata socialista Elisa Ferreira para dizer que "o Estado é o PS, o dinheiro do Estado é o dinheiro do PS e, portanto, também os dirigentes de agrupamento na área da saúde têm que ser do PS".

Miguel Portas afirmou que "há uma contradição enorme" entre as reformas que o Bloco avalia "positivamente no seu desenho, que visam racionalizar recursos e dinamizar até o poder de iniciativa dos próprios profissionais de saúde", e depois "no topo da reformas colocar 'boys'". "São critérios políticos para a nomeação, quando o que nós temos são, ao mesmo tempo, tentativas de racionalizar e de melhorar o serviço nacional de saúde. As duas coisas não casam uma com a outra", sublinhou o eurodeputado bloquista.

Em visita ao Centro de Saúde de Vouzela, Miguel Portas criticou as nomeações por "critérios partidários" e lamentou que a investigação científica na Europa na área da saúde se tenha transformado num negócio. "É preciso inverter. A investigação deve servir as necessidades humanas e não os lucros das multinacionais", defendeu o cabeça de lista do Bloco às eleições Europeias.

"Vale a pena explicar este paradoxo enorme", sublinhou o eurodeputado bloquista, questionando "como é que foi tão rápida a resposta, através da coordenação entre a Comissão Europeia e a segunda e a quarta multinacional do Mundo, para acelerar os processos de investigação para a vacina da Gripe A".

Segundo Miguel Portas, o Bloco tem "uma preocupação muito grande", a de conseguir ter na Europa "uma política de investigação na saúde que resolva uma enorme contradição": a de "90 por cento da investigação científica hoje virada para a saúde se dirigir apenas a 10 por cento das doenças", afirmou em declarações à agência Lusa.

Miguel Portas lembrou que "ainda hoje pandemias como a malária ou o dengue não têm as soluções e, no entanto, matam muitíssimo mais". "São é pandemias do Sul do planeta e não pandemias do Norte do planeta, onde o poder de compra e o negócio são de facto das determinantes dos cuidados de saúde", lamentou o eurodeputado do Bloco.

Miguel Portas e João Semedo criticaram também "os problemas do poder absoluto" dos agrupamentos no distrito de Viseu. "Estamos perante três nomeações para os três agrupamentos de candidatos e dirigentes do PS do distrito", um sinal da "arrogância do poder". Miguel Portas lembrou as palavras da candidata socialista Elisa Ferreira para dizer que "o Estado é o PS, o dinheiro do Estado é o dinheiro do PS e, portanto, também os dirigentes de agrupamento na área da saúde têm que ser do PS".

Miguel Portas afirmou que "há uma contradição enorme" entre as reformas que o Bloco avalia "positivamente no seu desenho, que visam racionalizar recursos e dinamizar até o poder de iniciativa dos próprios profissionais de saúde", e depois "no topo da reformas colocar 'boys'". "São critérios políticos para a nomeação, quando o que nós temos são, ao mesmo tempo, tentativas de racionalizar e de melhorar o serviço nacional de saúde. As duas coisas não casam uma com a outra", sublinhou o eurodeputado bloquista.

